

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

EDUCAÇÃO ESCOLARIZADA E MST

TEODORO ADRIANO COSTA ZANARDI

Doutor em Educação pela PUC, São Paulo; Mestre em Direito pela PUC, Minas Gerais; e professor adjunto da Faculdade Mineira de Direito da PUC Minas.

E-mail: zanardi@pucminas.br

Resumo: O artigo se propõe a esclarecer a proposta educativa do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra a ser desenvolvida na instituição escolar. Alternativa ao projeto educativo capitalista, a educação escolarizada é fruto da luta pela terra e marcada pela *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire.

Palavras-chave: Escola; MST; Paulo Freire

EDUCATION SCHOOL AND MST

Abstract: The paper intends to clarify the proposal of the Brazil's Landless Workers Movement to be developed in educational institutions. Alternative to the capitalist educational project, the school education is the result of the struggle for land and marked by the *Pedagogy of the Oppressed* by Paulo Freire.

Keywords: Scholl; MST; Paulo Freire

A educação escolarizada se encontra inserida no âmago das disputas pela realização de projetos de vida que se chocam no seio da sociedade. Dentro do projeto capitalista,



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

temos a predominância de uma educação voltada para o desenvolvimento do individualismo e do consumismo, sendo o sucesso no consumo a medida para realização do indivíduo. Esta principal promessa proporcionou a concretização de um mundo em que o valor do ser humano se encontra estreitamente vinculado ao acúmulo de bens. O indivíduo tem no culto do *eu* o projeto de desenvolvimento de sociedade.

Uma questão recorrente é como fazer emergir um projeto alternativo capaz de competir com o capitalismo e superá-lo, proporcionando a dignidade ao ser humano. Dentro da totalidade que se formou com a hegemonia do capitalismo, como é possível vislumbrar alguma exterioridade como a possibilidade de revelação do *Outro* que resiste à instrumentalização do ser humano?

A contradição é inerente ao projeto capitalista, visto que, em seu interior, se desenvolve sua exterioridade, por obra dos oprimidos que se colocam à margem com a construção de projetos alternativos. Essa exterioridade se apresenta como um projeto, aqui considerado como a práxis que busca a superação do capitalismo e se concretiza no discurso e na ação de oprimidos ao assumirem sua condição de marginalidade ao sistema e a luta pelo acesso aos bens fundamentais, à dignidade, com a negação à perpetuação do mundo de opressão.

Essa luta expõe o projeto do capitalismo que se proclama guardião da liberdade e, por outro lado, mantêm-se a custa da miséria de milhares de pessoas, um sistema que estimula o sucesso individual e mercantiliza tudo que existe, passando a quantificar a natureza e os homens. Faz sentido, nesse mundo guiado pelo individualismo consumista, a expressão de MacLaren (2000, p. 199): “compro, logo existo.”



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Sob o referencial libertador de Paulo Freire, o Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra fazem emergir a possibilidade de uma práxis que viabiliza um futuro que não é ‘dado’, como era proposto por Freire na *Pedagogia do Oprimido* (2005), mas construído por sujeitos que se movem e movem a história de suas vidas e da sociedade brasileira. Sujeitos que, em movimento, se agrupam em torno de uma identidade, que se desloca à margem de um mundo que tudo consome. Sujeitos em comunidade, que buscam a realização da dignidade do oprimido com a construção de uma nova sociedade, não pela inclusão ao sistema de opressão posto.

Neste contexto, a educação escolarizada promovida pelo MST se constitui em objeto privilegiado para compreensão dos valores que o Movimento pretende construir. A educação escolarizada se insere numa ampla moldura, que determina as opções de determinada comunidade e a concretização de projetos de vidas.

Por outro lado, o campo brasileiro é um espaço revelador das contradições que patenteiam o progresso capitalista, com a consagração do latifúndio através de um processo de privação histórico, legitimado por um direito opressor e, por outro lado, traz o anúncio da transformação construída no seio da opressão.

Por ser um espaço cada vez mais contraditório, este mesmo campo se abre às lutas por transformação. Por isso, é no campo que brota um novo projeto educativo. Da mesma forma que emergiu a luta contra o latifúndio opressor, uma educação libertadora faz frente à educação bancária que se desenvolveu em prol da manutenção da situação de opressão.

O projeto educativo que se desenvolve no campo tem a marca da dialética, resultado da relação da luta de classes, que se perpetua no campo brasileiro. Este projeto abraçado pelo MST busca se constituir sobre os laços de solidariedade construídos pelos oprimidos,



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

para implementar um sistema pedagógico que supere o eurocentrismo em todos os ramos do saber, como preconiza Dussel (2007), e que exponha a longa e complexa história ameríndia na história mundial.

O contato¹ com o campo brasileiro e com o ‘Outro’, encarnado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, não se faz sem o incômodo sentimento de impotência e indignação pela realidade de opressão engendrada contra milhares de pessoas, em prol do lucro e do consumo de uma pequena parcela da população.

A realidade dos assentamentos possibilita a compreensão da situação desumanizante imposta ao homem quando se vê que ter a terra para fincar sua barraca de lona preta já se constitui em uma conquista.

O MST tem-se notabilizado pela luta pela terra, mas, para os Sem Terra, terra é mais do que ‘terra’; é o lugar do desenvolvimento da vida digna. Não é mercadoria, é a mãe que liberta e deve ser libertada da exploração.

As teorias conformistas e escatológicas perdem o seu sentido diante do mundo de opressão que se realiza, legitimado pela inexorabilidade da concentração dos bens, justificado, hipocritamente, pela natureza humana e pelo pacto social.

Em sua luta pela dignidade, o MST revela as bases para a construção de um outro mundo; a partir da ‘negatividade’ que se desvenda com a exclusão, os Sem Terra fazem emergir um projeto comprometido com a vida que rompe com a passividade e o

¹ Esse contato se efetivou no desenvolvimento de pesquisa de doutoramento em Educação (Currículo) pela PUC São Paulo sob orientação da Profa. Dra. Ana Maria Saul no período de 2006 à 2009 e resultou na tese intitulada “*A propriedade cultivada na escola do MST: a pedagogia do oprimido na promoção da dignidade humana*”.



LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

conformismo. Este projeto de libertação nega a sedução da inclusão pelo consumo, pois resiste à instrumentalização do ser humano e à destruição da natureza.

Nesse sentido, a identidade dos Sem Terra se constitui pela consciência da situação de opressão e na comunhão de um projeto marginal e alternativo, que se concretiza no discurso e na luta pelo acesso aos bens fundamentais e à dignidade, com a negação à perpetuação do mundo de opressão.

A busca pela construção de uma sociedade comprometida com a vida digna só pode ser fruto daqueles que têm a consciência da negação da supremacia da vida para que, em comunhão e com fundamento no diálogo ético, busque a superação da opressão em prol de outro mundo, sem opressores e oprimidos.

A educação escolarizada tradicional tem sido instrumento fundamental para o desenvolvimento humano, seja na conformação de valores, seja para a superação destes.

A necessidade da manutenção de um ambiente que proporcione o desenvolvimento do conhecimento crítico fundado nos interesses dos oprimidos tornou a educação escolarizada um instrumento indispensável para o projeto de sociedade do MST.

O projeto educativo do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra rompe com a chamada modernidade, para assumir um discurso e uma práxis em favor do fim do mundo de opressão. Esse é o discurso dos deserdados da terra, que buscam se emancipar a partir do desenvolvimento de uma identidade coletiva que denuncia o mundo de opressão vivido e anuncia sua alternativa.

A referência da pedagogia libertadora de Paulo Freire possibilita aos Sem Terra o desenvolvimento de um projeto educativo que se realiza a partir da assunção dos oprimidos como sujeitos da sua história. Como sujeitos capazes de atos de fala e de ação, os Sem



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

Terra se conscientizam de sua posição marginal aos direitos formalizados nos diplomas jurídicos e buscam a superação do formalismo em prol da concretização. Essa consciência não é algo que domina o agente, mas que se constrói pelo diálogo crítico, mediado pelo mundo de opressão.

O projeto educativo que se concretiza nos assentamentos é orientado pela história de luta. Não basta a redação de frases significativas e libertadoras para a construção de uma educação comprometida com a emancipação do educando. A palavra tem que ser vivida pela práxis emancipatória, sob pena de se esconder atrás de ideologias em favor do apassivamento dos educandos.

Seus principais princípios filosóficos esclarecem a proposta educativa do Movimento:

- Educação para a transformação social;
- Educação de classe, massiva, orgânica ao MST, aberta para o mundo, voltada para a ação, aberta para o novo;
- Educação para o trabalho e a cooperação;
- Educação voltada para as várias dimensões da pessoa humana;
- Educação como processo permanente de formação/transformação humana. (MORISSAWA, 2001, p. 246).



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

É visível, no projeto educativo do MST, a tentativa de desmascarar os discursos de legitimação do projeto capitalista de sociedade, especialmente, o discurso que naturaliza a opressão e a pobreza.

Seu currículo é forjado na luta desenvolvida pelos seus educandos e educadores que trazem para as salas de aula as questões sociais que emergem dos conflitos vividos no cotidiano.

A educação escolarizada do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra se encontra, portanto, além da formalização de um projeto pedagógico, posto que é na realidade vivida que se dá o conteúdo contido em seu projeto educativo. Assim como a escola é mais que um prédio, a educação é um projeto orientado pela prática e que orienta essa prática. É, portanto, a luta que, explicitamente, orienta a educação para, dialeticamente, ser por essa orientada.

A educação do MST se relaciona com a formação integral dos educandos. A relação do conhecimento que está sendo construído com os valores desenvolvidos na realidade dos assentamentos é o principal tema gerador do ato de educar. Nesse sentido, todos se fazem educadores e educandos.

Os Sem Terra carregam o desafio utópico de Paulo Freire quando assumem a condição de oprimidos, na plenitude dessa identidade, para denunciar o mundo de opressão que os marginaliza e, a partir daí, anunciar um projeto que não nega o fim da história, mas seu eterno 'devir'.

O projeto do MST está para além da conquista da terra. O Movimento pretende a transformação da sociedade em prol de uma comunidade sem opressores e oprimidos. Os Sem Terra chamam definitivamente para si a responsabilidade pela construção da história



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

como 'Outro', sendo a Pedagogia do Oprimido fundamental para o seu projeto educativo comprometido com a libertação.

No exercício da função de agentes da mudança que atuam à margem do sistema capitalista, a 'palavra' dos Sem Terra irrompe para além do mundo de opressão imposto pelo projeto da modernidade. Uma 'palavra' vivida, que transborda o discurso e se faz ação na comunidade de oprimidos.

Assim, para os Sem Terra, a educação se desenvolve como o principal instrumento de seu projeto transformador. A luta pela terra, nesse sentido, é a práxis que orienta uma educação que emancipa o sujeito em direção à assunção de sua história, que está sendo construída.

O MST assume seu projeto transformador e o desafio de desenvolver e implementar um pressuposto ético para a reconciliação dialógica dos homens entre si e com a natureza. Seu projeto educativo permite perceber a construção de um novo quadro de referência que, a partir do questionamento de um direito que priva o acesso à vida digna, anuncia um novo pressuposto para a sua legitimidade.

A educação escolarizada do MST busca, portanto, a construção de uma nova sociedade a partir da intersubjetividade crítica das vítimas conscientes da opressão vivida e da necessidade da dissidência. Consciência que faz nascer a utopia, que não é só imaginação transcendental ao sistema, mas uma práxis alternativa ao projeto opressor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DUSSEL, Enrique. **20 teses de política**. Trad. Rodrigo Rodrigues. Buenos Aires: CLACSO; São Paulo: Expressão Popular, 2007.



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br

LABORE
Laboratório de Estudos Contemporâneos
POLÊMICA
Revista Eletrônica

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

MACLAREN, Peter. **Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio**. Trad. Márcia Moraes e Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: 2000.

MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

Recebido: 11/08/2010

Aceito: 12/08/2010



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
laboreuerj@yahoo.com.br
www.polemica.uerj.br